

MATA ATLÂNTICA E RESERVAS DA BIOSFERA: entrevista com José Pedro de Oliveira Costa

ATLANTIC FOREST AND BIOSPHERE RESERVES: interview with José Pedro de Oliveira Costa

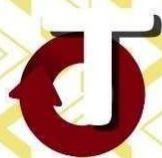


Entrevistado:

José Pedro de Oliveira Costa nasceu em Taubaté, São Paulo. É graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Mackenzie, mestre em Planejamento Ambiental pela Universidade da Califórnia e doutor em Estruturas Ambientais pela Universidade de São Paulo, onde atuou como professor por mais de quarenta anos. Hoje, atua como pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Foi o primeiro secretário do Meio Ambiente do Estado de São Paulo e por duas vezes secretário nacional de Biodiversidade e Florestas do Ministério do Meio Ambiente, tendo sido o responsável pela criação de expressivas áreas protegidas no Brasil. É autor de *Desenhos Musicados* (Massao Ohno), *Circumscapes & Promenades* (UC Berkeley), *Aiuruoca* (EDUSP) e *Uma História das Florestas Brasileiras* (Autêntica) entre outros livros e artigos.

Entrevistadores:

Bianca Cristina Costa Bezerra - Mestranda em Turismo PPGTUR - USP. Monitora PAE na EACH/USP no curso de Lazer e Turismo. Membro do grupo de pesquisa Gestão Estratégica de



Destinos e Organizações do Turismo (GEDOT/UFMA). Graduada em Turismo pela Universidade Federal do Maranhão.

Hélio Inagake Toth Gonçalves – Mestrando em Turismo PPGTUR – USP. Bacharel em Lazer e Turismo pela EACH USP (2015), Especialização em Liderança e Estratégia (2018-2019) e Liderança e Cultura (2019-2020) pela Harvard Business School e MBA em Liderança e Inovação pela FGV (2021). Certificado em User Experience pela Nielsen Norman Group. Certificado em Lean Six Sigma Yellow Belt.

Ravel Paixão - Mestrando em Turismo PPGTUR - USP. Bacharel em Turismo pela Universidade Federal do Maranhão com Honra ao Mérito. Graduado em Ciência da Computação com ênfase na Gestão de Negócios de Informática pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza FATEC-SP (2002). Atuou como bolsista PIBIC - Fapema. Membro do Grupo de Pesquisa Gestão Estratégica de Destinos e Organizações do Turismo (GEDOT/UFMA); Membro do Grupo de Pesquisa Turismo, Cidades e Patrimônio do Maranhão (GPTCPMA-UFMA); Membro do Grupo de Pesquisa Núcleo de Pesquisa em Economia e Administração do Turismo (NEAT) - USP;

Introdução

A UNESCO lançou o programa UniTwin (University Twinning and Networking) em 1992, com o objetivo de promover a cooperação e a criação de redes entre universidades em escala internacional, facilitando o compartilhamento de conhecimento. Como resultado desse programa, a Rede UNESCO UniTwin Cultura, Turismo e Desenvolvimento foi estabelecida em 2002, com a coordenação da Universidade Paris I-Panthéon Sorbonne, e a Escola de Artes, Ciência e Humanidade da Universidade de São Paulo (EACH-USP) é um membro ativo desde 2013.

A concepção de patrimônio e os esforços para sua preservação evoluíram ao longo do século XX, considerando aspectos relacionados à memória, identidade, conservação, proteção e à exploração econômica dos recursos naturais e culturais. No âmbito do sistema da UNESCO, a Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural, de 1972, tornou-se uma referência importante para países e regiões que buscam o reconhecimento, a valorização e, em grande medida, o aproveitamento turístico ao inscreverem seus bens nessa lista.

Importante ressaltar que os objetivos dessa rede (UNESCO UniTwin Cultura, Turismo e

Desenvolvimento) incluem: a) Estabelecer um sistema de cooperação entre universidades nos campos do turismo, cultura e patrimônio; b) Disseminar os conceitos, princípios e metas da UNESCO contidos em seus documentos de referência, com foco especial na agenda relacionada ao patrimônio mundial; c) Promover o turismo responsável e ético, considerando-o como um impulsionador do desenvolvimento sustentável das regiões, com a participação ativa dos agentes locais e a valorização da diversidade cultural; d) Acompanhar as estratégias e projetos de valorização cultural relacionados aos objetivos do desenvolvimento sustentável; e) Aproximar a experiência acadêmica das decisões políticas em benefício das populações locais, especialmente aquelas em situação de pobreza, e envolvê-las como partes interessadas ativas nas estratégias de planejamento participativo e na promoção de sua inclusão social. Isso inclui o respeito pelas territorialidades e pelas ações políticas dessas comunidades, visando à geração de empregos e renda digna; f) Auxiliar os territórios na implementação de estratégias de desenvolvimento do turismo sustentável em relação ao patrimônio.

A EACH-USP sendo membro dessa rede decidiu no ano de 2023 ofertar uma disciplina no Programa de Pós-Graduação em Turismo (PPGTUR) que teve como objetivo realizar estudos e debates sobre conservação do patrimônio em turismo. No período da disciplina tivemos diversos convidados para debater as questões de patrimônio-territorial e patrimônio natural, cultura e outros assuntos relevantes dentro desta temática.

Um desses convidados foi o professor José Pedro de Oliveira Costa, que foi convidado para palestrar sobre a Mata Atlântica e as Reservas da Biosfera, assuntos o qual é especialista. Segundo o Ministério do Ambiente: Reserva da Biosfera é um instrumento de conservação que favorece a descoberta de soluções para problemas como o desmatamento das florestas tropicais, a desertificação, a poluição atmosférica, o efeito estufa, entre outros. Após a palestra realizada pelo professor, realizamos uma entrevista de maneira remota no mês de setembro de 2023, para abordar os principais assuntos discutidos e documentar essas informações. Segue abaixo a íntegra da entrevista realizada com o Professor Dr. José Pedro de Oliveira Costa.

1) Professor, qual foi o percurso pessoal que o motivou a se tornar um ambientalista, quais experiências ou eventos o influenciaram a dedicar sua vida à causa ambiental?

Vou tentar ser breve para poder sobrar tempo para as demais perguntas, mas acho que todos nós, sem exceção, nascemos ambientalistas a partir do momento que a gente toma

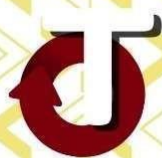
consciência do que tá se passando no mundo. Então, basta ser uma pessoa consciente, olhar para fora da janela e você vê que essa é uma questão urgente e que nos interessa a todos. Alguns nascem com mais... digamos assim... propensão que eu acredito que tenha sido meu caso.

Desde que eu me dei por gente, eu sempre fui um rapaz próximo às florestas, ao mar, às praias, tudo. Por razões pessoais e por felicidade, minha família ter condições de me levar para o litoral norte, eu era criança e ia passar férias e conhecer matas. E também aconteceram alguns eventos favoráveis. Eu me formei arquiteto. Fui trabalhar em um escritório de arquitetura, depois estava trabalhando na companhia do metrô quando se deu a escolha do governador Paulo Egydio para ser governador de São Paulo durante o regime militar e a companhia do metrô foi convidada para que um funcionário meu amigo que trabalhava lá para desenvolver um plano de transportes para o governo Paulo Egydio e eu fui convidado para ser o vice coordenador desse grupo. Estava trabalhando nisso, o coordenador havia viajado e eu fui para uma reunião de integração dos diversos grupos e daí cada um falou o que tinha feito. Um falou sobre educação, outro sobre cultura e saúde. Eu falei sobre transportes, depois falaram sobre segurança, uma série de coisas e no final o coordenador-geral perguntou: “Alguém tem alguma sugestão?” - e o tonto aqui levantou a mão e disse: - “ Ah... eu acho que deveria ter um grupo de florestas.” Já estava preocupado com essa questão. Tinha havido a conferência de Estocolmo de 1972, tudo isso era notícia nos jornais que eu seguia. E o coordenador então anunciou: “ Então, nós vamos criar um grupo de florestas e você, José Pedro, vai ser o coordenador.” - falei: “Eu? Eu não!”, “mas eu não entendo nada disso” Aí ele falou: “ninguém aqui entende nada disso, mas você vai procurar o Dr. Paulo Nogueira Neto, vai procurar outras pessoas e vai fazer.” Falei: “bom, não tem mais ninguém aí?” Falou: “Não.” Então, caiu em mim a responsabilidade de preparar um plano de florestas para o Governo do Estado de São Paulo. E eu fiz o que era possível. Principalmente fui muito bem recebido pelo Dr. Paulo Nogueira Neto, que na época tinha sido nomeado secretário nacional da Secretaria Especial do Meio Ambiente e era uma pessoa extremamente afável, um *gentleman*, um professor emérito da Universidade de São Paulo e me acolheu e me explicou e me ensinou, eu tinha interesse em aprender e acabei virando ecologista. Fui assessor do secretário do meio ambiente do Estado de São Paulo do governo Paulo Egydio e lá fiz propostas de criação do Parque Estadual da Serra do Mar, do Parque Estadual de Ilhabela, da proteção de áreas no interior de São Paulo como as cuestas de Botucatu e uma série de coisas, um embrião de uma proposta de uma política estadual do meio ambiente. E aí a pedra rolou ribanceira abaixo.

Política é mais fácil você entrar do que você sair e eu me senti como um peixe n' água, posso assim dizer, gostei daquilo. Fui aprender mais, me interessar, já era professor de arquitetura da Universidade de São Paulo, acabei me transformando num professor de desenvolvimento sustentável. Fui aprender mais na Califórnia. Fui fazer meu mestrado na Universidade da Califórnia em Berkeley e descobri que ninguém lá fora sabia quase nada do que se passava no Brasil, que nós que tínhamos que resolver isso aqui mesmo, porque nossa questão, apesar de haver um grande interesse na Amazônia, ninguém tinha noção do que era a mata atlântica, do que era o cerrado. Então aí, fui me informando disso, fazendo parte de grupos, conhecendo pessoas. E essa é a minha trajetória. Como eu me transformei em ambientalista.

2) Como a formação acadêmica e a sua carreira contribuíram para o seu papel como ambientalista? Quais teorias, conceitos ou práticas desenvolveu e promoveu em relação à questão ambiental durante a sua trajetória acadêmica e profissional?

Bem, como professor da Universidade de São Paulo e da faculdade de arquitetura, eu trabalhei no departamento de história e estética do projeto e a questão ambiental é uma questão permanente. Então, a primeira providência foi que eu passei a ser professor de uma disciplina chamada história da paisagem brasileira, essa história da paisagem brasileira foi ministrada tanto a nível de graduação e depois se especializou como uma disciplina de pós-graduação, da qual foi muito interessante participar. Na verdade, eu sou o criador da disciplina que ao mesmo tempo atraiu uma quantidade grande de alunos, tanto da arquitetura como na pós-graduação de outras áreas que se interessavam pelo tema, e o arquiteto tem muito a contribuir na questão ambiental, na questão do planejamento. O biólogo não tem essa visão, então ele quer preservar uma determinada espécie, aí ele fala: “vamos proteger aqui um hectare” Mas na verdade a influência externa obriga que você proteja pelo menos mil hectares, só para usar uma figura, certo? Para você garantir aquela espécie, por exemplo, algumas precisam, para as onças pintadas, de pelo menos 20, 30, 50 mil hectares e uma das questões graves para isso é a necessidade de corredores ecológicos. Então, por exemplo, fui aprendendo com o tempo que é preciso a gente ter uma noção espacial clara de um ecossistema como um todo, então quando a gente começou por exemplo, a trabalhar na criação da reserva da biosfera da mata atlântica, no início da década de 90, ainda em 89, a gente bolou um sistema que era abranger o ecossistema como um todo, isso hoje é corriqueiro, mas na época causou até um pouco de susto em pessoas



da Unesco, em especialistas internacionais que não tinham chegado a isso, apesar de já haver uma forte corrente nessa direção. Então a contribuição do arquiteto é a contribuição de ter uma visão de como o exterior e o que você quer proteger podem interagir. Isso faz parte do urbanismo, do planejamento ambiental.

Aí a outra questão, em relação às teorias eu desenvolvi uma que eu chamo de teoria do macaco, está até detalhada, se vocês quiserem olhar no meu livro “Uma História das Florestas Brasileiras” e que é o seguinte: você quer proteger determinada região, determinado espécie, proteger uma espécie de macaco ou uma espécie de onça, você imagina que você é uma onça ou que você é um macaco, se você é um macaco ou uma macaca você se imagina no alto de uma árvore e pensa “o quê que é bom para mim?” Quanto de área eu preciso para que meu grupo sobreviva?. Há outros grupos por aqui acessáveis para que a gente tenha interação genética? Então, nós temos que fazer um corredor para nós ligar com a outra mata que está lá diante que tem outro grupo de macacos? Que a gente não precisa atravessar de um mato para o outro por questões de alimentação, sujeitos a ataques de cachorros ou de caçadores? Está faltando árvores que sejam frutíferas para minha alimentação?” E uma série de outras perguntas que você macaco se faz, e a partir daí você tem uma visão mais clara daquilo que tem que fazer. Se você for um onço ou uma onça, você sabe que você precisa de um território muito grande para alcançar a interação genética, então não adianta ter cinco onças numa determinada floresta por maior que seja, porque geneticamente essa população vai se deteriorar. Então, é preciso que haja uma quantidade maior. Isso hoje por exemplo, na Mata Atlântica são pouquíssimas áreas que têm essa condição. Então você precisa ampliar esses corredores que eu defendi desde a criação do Parque Estadual da Serra do Mar em 1977, é uma coisa que hoje ainda não faz parte de uma política efetiva de governo. Sem isto, com as mudanças climáticas a destruição da fauna e flora que já será imensa será duas vezes maior. Então a luta contra o tempo é muito grande.

Eu queria falar sobre o que nesse setor temos de prática. O que eu aprendi é que a questão ambiental, é uma questão multidisciplinar e é uma questão que envolve políticos, inclusive. A classe política brasileira não tem consciência e nem dá prioridade à questão ambiental. Tô falando do Presidente da República aos vereadores de uma cidade do interior. Então, é preciso que o Lula entenda mais e que fale mais, e que cumpra com os compromissos que ele teve na campanha em relação à questão ambiental, é preciso para o vereador de Olhos D'água no interior da Bahia, saiba a importância do que existe lá e que isso se transforma em política pública. É preciso que o secretário de turismo do Estado x, assim como o ministro de turismo tenha

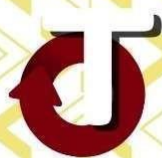
consciência de que a questão ambiental é não só valiosa para ele para o turismo, como é valiosa para a sobrevivência dos turistas de modo geral. Então é uma questão de múltiplos interesses e é uma questão que você só pode trabalhar de forma integrada, não existe um trabalho ambiental, que seja de uma pessoa ou de um só grupo.

Eu aprendi que a questão ambiental, é uma questão de integração de soma de esforços de vários interlocutores que realmente tem a possibilidade de agir se entendendo e trabalhando de forma que possa produzir resultados.

3) Como o conceito de patrimônio natural se relaciona com o desenvolvimento do Turismo no Brasil e a necessidade de proteger e preservar os recursos naturais? E de que forma essa proteção pode ser aprimorada considerando o contexto atual?

O Brasil vive um dilema há alguns anos ou décadas. É o país mais biodiverso do mundo. É o país detentor da maior parte da floresta amazônica, isso é conhecido pelas pessoas, mas não tem uma estrutura para levar as pessoas para conhecerem a Amazônia, tá começando a ter e isto realmente é ainda muito incipiente. O Brasil deveria ser o líder na questão ambiental. Durante o governo passado, o governo bolsonaro, o Brasil foi o antiambientalista, o destruidor do ambientalismo o que causou espécie, porque além de ser fora do natural não é inteligente, ou melhor, é burro porque aí você tá matando a galinha dos ovos de ouro também em questão econômica. O presidente Lula apregoeou isso na campanha e como existia uma dicotomia entre ele e seu principal adversário, isso foi um assunto bastante valorizado antes da campanha e depois de eleito. Mas a questão ambiental nesses nove meses de governo, diminuiu para menos da metade, ou seja, o Ministério do Meio Ambiente foi diminuído, a ministra Marina Silva foi acuada e nós estamos vivendo um impasse de que se a extrema direita e também a esquerda são contra a proteção da biodiversidade ou não são tão eficientes na proteção da biodiversidade, então nós temos que achar um outro caminho que possa realmente ter influência política e seja a favor disso e a favor do Brasil, porque esse calorão que a gente está sentindo esses dias, do qual todo mundo tá reclamando, é obviamente um resultado da mudança climática e isso vai levar a uma extinção grande de espécies de fauna e de flora e já está levando a extinção de pessoas, a quantidade de mortes em decorrência desta grande mudança, tempestades e etc, se avoluma. E quem sofre primeiro é a população mais despossuída, é a população mais pobre que tá morrendo.

Então, isso não chama turismo certo? Desgraça, chama notícia e notícia ruim espanta



turista. Nós temos uma capacidade de visitação do Parque Nacional do Iguaçu, que se dá com maior volume pela área argentina porque a Argentina não tem a imagem de um país caótico, de um país violento, de um país que assassina turistas. Então nós precisamos ter segurança, nós precisamos ter realmente uma divulgação maior do que são as nossas belezas e estrutura para implantar o turismo decorrente.

Na verdade, já há uma consciência, isso já melhorou, mas está longe de ser aquilo que pode e que deve ser. Inclusive vocês, estudantes de turismo, têm uma responsabilidade, uma potencialidade, uma oportunidade muito grande no sentido de fazer com que isso mude e isso só muda através de ações econômicas, ações políticas e de ações científicas também, daquilo que vocês estão estudando. E isso já mudou bastante nos últimos 30 anos. Hoje existe uma juventude brasileira, existe um desejo, um conhecimento, uma vontade de estar na natureza que não era usual há 30 anos atrás. Isso é muito bom, mas isso precisa se transformar em mais ainda e muito mais ainda, tanto na participação de brasileiros como de estrangeiros.

4) Como o desenvolvimento do Turismo pode contribuir para a preservação das reservas da biosfera no Brasil? E quais são os desafios ambientais específicos que os turistas e gestores enfrentam ao explorar essas áreas naturais?

Bem, vamos primeiro falar o que é uma reserva da biosfera. Reserva da biosfera é um sistema de planejamento desenvolvido por um senhor chamado Michel Batisse na década de 70 que se transformou em um programa da Unesco. E com isso ela é representada para ser, digamos assim, proteção, o invólucro, a solução para proteger cada um dos biomas brasileiros e mundiais, na verdade mundiais e depois brasileiros. Então nós temos seis grandes ecossistemas. Alguns podem falar sete, outros podem falar vinte, mas seguramente nós estamos falando de: Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga, Pantanal, Pampa, Região Costeira e cada um deles tem suas subdivisões.

A Mata do Nordeste, Mata Atlântica, não é igual a Mata do Sul que já é uma mata temperada, a Mata do Nordeste tem parentesco com muitas espécies comuns a floresta amazônica. A Mata do Sul, já é uma mata onde neva, onde existem Araucárias, onde a temperatura caía abaixo de zero. Mas ela é uma floresta contínua, então, todas essas diferenciações dos ecossistemas da Mata Atlântica precisam ser estudados e protegidos e interligados. A Amazônia se fala em mais de quarenta diferentes grupos de formação, se você

considerar as áreas de transição que sobem os Andes ou aquelas que se transformam em Cerrado, você pode passar esse número para sessenta, dependendo do grau de detalhe, ele vai se multiplicando. Então uma reserva da biosfera obriga também a todas elas terem que ter uma definição espacial e essa definição espacial mínima seria como se fosse um ovo frito dentro de uma frigideira. A gema do ovo é uma região de Proteção Integral, é a área intangível, é área de proteção da biodiversidade de uma reserva da biosfera. A clara do ovo é uma zona de desenvolvimento sustentável cuja principal missão é garantir a integridade da gema e garantir a integridade daquele ecossistema. E a frigideira é a zona de transição onde você tem que acomodar essa reserva com o seu exterior. Na zona de desenvolvimento sustentável, você tem culturas tradicionais, você tem produção de água de qualidade, você tem produção de alimentos com menos ou sem nenhum agrotóxico e outras coisas que tem valor econômico grande

Agora as reservas da biosfera no Brasil, excepcionalmente foram conceituadas com uma visão do ecossistema como um todo. Então a reserva da biosfera da Mata Atlântica hoje tem mais de cinquenta milhões de hectares, é maior que Portugal. Porque ela foi se estendendo do Rio Grande do Norte, do Ceará até o Rio Grande do Sul mostrando inclusive, a necessidade de formação de corredores. Então a gema do ovo não é mais suficiente, nós precisamos pensar numa fritada de linguças, onde realmente a gente tenha corredores e haja fluxo genético tanto de fauna como de flora. Então as reservas da biosferas existem para todos os nossos biomas, desde o início do século, desde o governo Fernando Henrique Cardoso, mas elas não estão sendo valorizadas como deveriam ser. Agora está começando a se falar um pouco mais na reserva da biosfera do Pantanal, na reserva da biosfera da Caatinga, esse trabalho está se desenvolvendo porque é urgente que se desenvolva. Então as pessoas tem esse instrumento de planejamento e eu acho que elas são um dos instrumentos, talvez o instrumento mais efetivo ou mais oportuno ou mais indicado para que a gente possa operar a proteção e o uso sustentado de um bioma. Uma reserva da biosfera sozinha não faz nada, ela é planejamento, mas dentro desse planejamento nós devemos considerar todas as outras atividades de proteção de áreas integrais, de proteção de áreas de desenvolvimento sustentável, de proteção ambiental e uma série de coisas que resultam nessa proteção, incluindo inclusive, a ação humana. Porque a questão ambiental, não se resume a fauna e flora, ela abrange o homem que faz parte da fauna e que tem que ser considerado, apesar de ser uma espécie, muito multiplicada quase um cupim comendo tudo que sobrou por aí, mas ela tem que passar a interagir ou sem isso ela não terá sucesso.

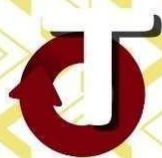
4.1) Correlacionando justamente com a preservação das reservas de biosfera, como que o desenvolvimento do Turismo pode contribuir nesse sentido?

Nós estamos falando do Ecoturismo porque é o tema em que eu posso contribuir. O Ecoturismo é uma das atividades que mais se desenvolvem hoje no mundo. O Turismo se desenvolve em um razoável percentual de crescimento, mas o Ecoturismo se multiplica e é a atividade mais valiosa em termos econômicos presentes e futuros, especialmente para o Brasil, que é o país mais biodiverso do mundo. Então, as reservas da biosfera tem claramente uma missão de proteção e de desenvolvimento, porém, desenvolvimento sustentável. E o turismo, o Ecoturismo é a atividade econômica mais voltada para essa questão de ver essas comunidades tradicionais, conhecer as aldeias indígenas, de participar da proteção de todas essas questões. Então as reservas da biosfera são desde que de fato aplicadas, tem de incentivar o ecoturismo como elo importante na cadeia de proteção da natureza.

O Ecoturismo e as reservas da biosfera são irmãos gêmeos, um depende do outro. Para as comunidades tradicionais, as comunidades Caiçaras hoje, a principal fonte de renda é o turismo, se você pegar o Parque Nacional do Monte Pascoal e para quem já foi lá, a Vila de Caraíva que tá dentro da reserva indígena e dentro do parque nacional, é onde o ecoturismo propõe e produz emprego para aquelas pessoas que estão lá, para os indígenas que estão lá. Isso é parte muito forte da atratividade daquele local, além da beleza natural, mas existe toda uma questão sociocultural e conhecimento do que seria, não é propriamente uma cultura indígena, digamos assim, não ocidentalizada, ou não transformada também em uma questão em que o capitalismo é um dos elementos importantes, mas é uma verdade que mostra o quão vibrante é esse setor.

5) Agora gostaríamos de enveredar mais pela questão das políticas públicas. Como as políticas públicas em turismo no Brasil estão contribuindo para a preservação do patrimônio natural do país? E quais seriam os desafios enfrentados na implantação dessas políticas para que seja garantido a sustentabilidade das áreas naturais?

Eu não sou um técnico e não tenho conhecimento detalhado do Turismo. Vocês sabem trinta vezes mais do que eu, o que é uma política pública de turismo. Lamentavelmente, na minha visão, as políticas públicas brasileiras estão distantes da questão da proteção ambiental,



quilômetros, muitos quilômetros, centenas, milhares. É evidente, pelo que eu acabei de falar na pergunta anterior, que a questão do Turismo e a questão da proteção da natureza são como eu usei o termo irmãos gêmeos, mas isso não aparece na visão que eu tenho, no que a política pública de turismo brasileira exerce. Por exemplo, até muito recentemente havia uma disputa complexa e não produtiva entre a política pública de Meio Ambiente e a política pública de proteção das etnias indígenas, das etnias originárias como hoje é falado. Hoje, a FUNAI e o Ministério do meio ambiente e o Instituto Chico Mendes de proteção da biodiversidade, têm trabalhado de forma muito aproximada, muito integrada. E aí existe um potencial turístico gigantesco que está começando a desabrochar que a política da FUNAI, por exemplo, até muito recentemente era de manter todos os índios isolados. Acontece que os índios já não estão mais isolados, as muitas exceções existentes e o interesse por visitar essas comunidades é internacional. O cara sai dos Estados Unidos e vai para Nova Guiné e já tem toda uma preparação de turismo que não destrói aquela cultura pelo contrário, a valoriza e é algo que o Brasil tem um potencial gigantesco que não está, até onde eu conheço, sendo utilizado como realmente uma política turística, porque ainda existe um ranço de política anterior, porque existe ainda uma influência de tal ou qual celebridade ou tal ou qual grande conhecedor de questões antropológicas, no caso na FUNAI que é contra isso etc e tal.

É claro que ninguém quer um turismo que seja predatório e o turismo pode ser e é predatório muitas vezes, haja visto hoje o que acontece na Europa, você não consegue visitar um monumento na Itália, se você não fizer uma reserva com três meses de antecedência, porque o fluxo de turistas é inteiramente incrível. A quantidade de turismo que entra dentro da Catedral de São Marcos em Veneza, afunda o piso que já é anualmente invadido pelas Marés. Então, o turismo não é, digamos assim, a oitava maravilha, mas é uma solução fantástica, é uma oportunidade única, fundamental e necessária desde que realizada dentro de normas pré fixadas.

Mas ela tem que ser também disciplinada e eu não vejo realmente uma política pública disciplina ou ela restringe demais, que não é bom, não pode entrar em tal parque, não tem plano de manejo. Então não pode fazer isso, não pode fazer aquilo. A política do não é uma política muito usual nos meios administrativos burocráticos, é mais fácil dizer não, e não tem estrutura para dizer sim, então ficam dizendo não há séculos. Mas é preciso quebrar todos esses tabus e mostrar realmente o que existe em alguns exemplos muito valiosos, mas que precisam ser ampliados. Então, os desafios em relação ao turismo e a sustentabilidade, ainda são em aumentar o Ecoturismo, mas aumentar dentro de padrões que sejam acordados com aqueles que

tratam da proteção da biodiversidade.

6) Com relação à sustentabilidade na promoção da sustentabilidade da biosfera, como o senhor enxerga a aplicação das políticas públicas de turismo atualmente ou como elas podem vir a serem desenvolvidas de uma melhor maneira?

Biosfera é a camada viva que existe onde tenha o último ser vivo, planta ou animal no mais fundo dos oceanos ou aonde voe mais alto o pássaro, isso é a biosfera é uma camadinha, é uma casca muito pequena que envolve o planeta como um todo. Essa casca é onde nós vivemos, é da onde nós dependemos de todas as formas de vida dependem. O que está para baixo dessa casca influi, o que está para cima também influi e essa casca tem sido muito maltratada, tanto na poluição dos mares, como na poluição atmosférica, como da destruição das bases da sustentabilidade que são a água, são as florestas, são os ecossistemas naturais. Então, ter a noção de que é preciso proteger isso ainda não é um fato universal. Ter a noção de que a terra está sendo destruída já é um fato universal, mas é preciso avançar mais e de ver como proteger tudo isso. E o turismo é um elemento que pode trazer recursos. Eu costumo brincar e dizer: “Olha, macaco não quer banana, macaco gosta de grana, precisa de dinheiro”, porque para você fazer uma proteção de uma determinada área, não adianta você levar banana para o macaco, você precisa desapropriar essa área. Você precisa pôr guardas nessa área para evitar a caça, você precisa desenvolver uma atividade econômica... bingo! Chegou o turismo. A atividade econômica mais promissora e que é mais clara de que isso pode ser feito, vem do ecoturismo. Um turismo planejado e um turismo a favor. Só que ele existe hoje na proporção de um 5% daquilo que o Brasil tem de potencialidade. Então cabe a vocês, técnicos de turismo, que estão interessados no meio ambiente também, avançar nisso. É preciso aumentar e é preciso aumentar com juízo.

Como se pode contribuir? Como forma de contribuição, vou dar um exemplo: em 1974, 1975, eu fui à cidade de Iporanga, no extremo sul do estado de São Paulo, que é rodeada por um dos parques mais preciosos do Brasil que é o Parque Turístico do Alto Ribeira. Nesse parque, ele preserva as cavernas mais importantes ou visitáveis mais conhecidas de todo o país. É um deslumbre, é uma coisa maravilhosa e eu fui conversar com o prefeito falando do ecoturismo etc e tal, ele deu de ombros lá, falou: “Imagina, aqui nunca vem turista.” Aí eu falei: “mas pode vir.” Aí ele falou: “não, nunca vai vir.” – “Então eu vou trazer o primeiro ônibus de

turismo pro senhor”, Falou: “Ah, tá bom!”. Daí fizemos, não tinha pousada, tinha uns lugarzinhos que recebiam, digamos assim, pessoas para ficar lá, isso a quarenta anos atrás e nós conversamos com a comunidade, as pessoas todas se dispuseram a abrir um quarto ou dois quartos na sua casa para receber turistas por duas noites e etc. Lotamos um ônibus de pessoas entusiasmadas que foram lá, visitaram tudo etc e tal. E provamos que existia esse interesse, que não existia a estrutura, hoje essa cidade recebe uma quantidade enorme de turistas.

Alguns problemas existem, como quebrar um estalactite, que precisa ser melhorado. Mas a atividade turística passou a ser, se não a principal, uma das principais fontes de receita da região. Então começa a ser importante para aquela comunidade preservar a floresta, preservar os animais, evitar a caça porque aquilo traz benefícios para eles então, é esse joguinho que pode ser mostrado em diversas atividades.

7) O senhor poderia destacar uma estratégia eficaz que equilibra o crescimento do Turismo e a preservação dos ecossistemas naturais?

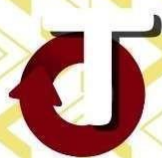
Olha, a preservação dos ecossistemas é uma tarefa eficaz em termos de proteção da biodiversidade dos ecossistemas, é um exemplo que eu acabei de dar, mínimo, mas que é válido em diversas outras regiões. O crescimento da visitação ao Parque Nacional do Iguaçu, que hoje na parte brasileira está beirando os dois milhões de visitantes por ano, claro que durante a pandemia sofreu seus percalços, mas isso aconteceu em um tempo razoavelmente rápido, em dez, quinze anos. A ampliação da sistematização das visitas. Hoje não entra mais carro lá dentro, você tem que parar o carro lá fora, só entra com veículos que são da empresa que está fazendo esse trabalho, essas visitas tem que ser guiadas e acontece num fluxo muito grande. A depender obviamente de feriados, férias que tem picos maiores de visitação, mas as pessoas visitam e tem possibilidade de desfrutar dessa visita. Porque um turismo de massa sem controle transformam uma visita dessas em uma coisa desagradável. Tanto aqui quanto no Japão em qualquer outro lugar. Então existe toda essa questão.

Paralelamente, um grupo de prefeitos da região resolveu abrir uma estrada clandestina cortando o Parque do Iguaçu no meio. Chamaram-na de estrada do Colono, era uma viazinha que existia antes da criação do parque, mas uma coisa incipiente. Aí puseram uma balsa no rio, puseram tratores quando se viu tava aberta a estrada, para fechar essa estrada foi preciso um trabalho muito grande, esse parque já era reconhecido como patrimônio mundial da Unesco. E

a Unesco fez uma pressão e o ministério público fez uma pressão e um dos argumentos importantes é a importância turística desse parque. Você estava destruindo o parque e aí ia prejudicar enormemente uma das últimas áreas da Mata Atlântica, se não a última onde é viável você ter o ecossistema completo, inclusive com onças pardas que são cada vez mais raras e na época não era tão estudadas, hoje são mais estudadas. E a importância econômica daquele ecoturismo foi um elemento que convenceu uma série de pessoas e permitiu que essa estrada fosse fechada. Mais recentemente, durante o governo Bolsonaro, se propôs uma lei para abrir essa estrada de novo e se conseguiu segurar essa estrada, dada a importância obviamente biológica que cientificamente é a mais importante, mas dada também a importância econômica daquele parque. Então a partir do ecoturismo transformar algo em uma importância econômica ele é o maior impulsionador, dentro do sistema capitalista que nós vivemos, da proteção daquele determinado bem. O não matar a galinha dos ovos de ouro.

8) Como que o senhor acredita que as suas experiências e conhecimentos em questões ambientais influenciaram nas conquistas de políticas públicas e práticas sustentáveis do Turismo na região de Paraty no Rio de Janeiro?

Olha, eu tive a fortuna de conhecer Paraty ainda na década de 60. Isso já vai para mais de sessenta anos. Quando eu cheguei lá não existia a Rio-Santos. Mal tinha sido reaberta a estrada de burros que subia a serra para transportar o café, antes o ouro e depois o café. O ouro e os bem-estares que o ouro produz. Porque ali sempre foi uma rota alternativa, aliás a primeira Rota do Ouro. E tinha sido aberto há poucos anos para jipes e carros de tração. E meu pai organizou uma excursão com a família, ele gostava disso, felizmente, agradeço. Fomos lá família, meu pai, minha mãe, irmãos e amigos, descemos a Serra numa caminhonete quatro rodas, nos instalamos um dos únicos dois hotéis que existia na cidade ainda muito precários e não existia nenhum barco que fazia turismo, pegamos um barco de peixe e fomos visitar as regiões vizinhas, Paraty Mirim e etc. Então, esse exemplo eu tô dando porque estamos falando de Paraty para mostrar que nesses sessenta anos, hoje o cais de Paraty teve que retirar os pescadores de lá e se transformou em um cais apenas turístico e os pescadores foram para um outro cais construído especificamente para eles, tal a avalanche de turistas que chega por lá. Paralelamente, uma burguesia tanto paulista, quanto carioca comprou as casas que estavam se deteriorando, sobrados que estavam se deteriorando e os restauraram.



E aconteceu mais um fenômeno durante esses 100 anos, em que Paraty ficou paralisada em função da queda do café no Vale do Paraíba, digamos assim da completa ruptura do processo de planejamento de produção. Em que muitas cidades do Vale do Paraíba se transformaram em ruínas e hoje são chamadas de cidades históricas ou Vale do café e as cidades litorâneas como Ubatuba, Paraty, Angra dos Reis, ficavam isoladas também e não havia mais nada. Então, Paraty era uma ruína fabulosa. Uma das coisas mais lindas que se viu no mundo, mas que estava desaparecendo. Então, o turismo foi o primeiro foco de proteção disso com a compra por particulares. O que foi ruim sobre determinado aspecto porque espantou muito a população local que existia no centro, mas ainda existe uma quantidade considerável de moradores proprietários que são paraenses da gema. E ao mesmo tempo, salvou a cidade da destruição. Então isso é uma conquista da região. Em um determinado momento, a prefeitura atendendo a múltiplos pedidos, ainda na década de 70, fechou o centro histórico para entrada de automóveis. Houve uma grande revolta dos moradores locais, mas foi um outro empuxo grande para que o turismo aumentasse. E em volta da cidade de Paraty, existe uma situação topográfica geográfica de proteção de florestas que é única no mundo. Assim a paisagem paratiense que é toda rodeada pelo parque nacional da Serra da Bocaina que foi criado quando se abriu a estrada rio-santos como compensação e depois outras áreas protegidas uma área de Proteção Ambiental do Cairuçu, etc e o crescente interesse da população paulista em primeiro lugar, depois carioca e proteção daquele conjunto com políticas estaduais, levou aquilo até uma superposição de áreas protegidas que não existe nenhum outro lugar do país. Então estas conquistas, da qual eu tive a honra e privilégio de participar de várias delas, foram realmente coisas que transformaram Paraty que já era uma coisa excepcional, numa coisa muito excepcional. Uma coisa que não existe em nenhum outro lugar. Existia uma vila colonial que se salvou com alguns problemas, mas se salvou o que é importante e existe uma paisagem fantástica envolvendo essa questão, além da beleza do mar, da beleza dos únicos fiordes que existem na costa brasileira estão em Paraty. E isso nos leva a cobrar melhor saneamento, melhor atenção social para as pessoas. Especialmente as populações mais carentes de quilombolas, e caiçaras, de indígenas que vivem no município, a buscar evitar os grandes desastres como aquele que aconteceu em São Sebastião que depende também da proteção. Então, basicamente o conjunto disso tudo levou a uma conquista que é um exemplo. Paralelamente, existia na região quem quisesse fazer daquilo, uma Cancún que é o oposto do que Paraty é, que é o turismo de alta qualidade e de alto nível, diferente de Cancún, que é uma Copacabana maior, implantada num lugar extremamente

virgem e que é um turismo de massa. Claro que a beleza do mar continua, mas hoje você não tem mais lá a paisagem natural, e a paisagem é a atração, certo?

Então, eu acho que Paraty é um exemplo dessa questão. Lembrando que lá inclusive o último presidente tinha uma casa e pescava em estação ecológica, foi multado por isso e queria transformar aquilo num Cancún e a gente conseguiu com o fato de ser reserva da biosfera, com o fato de ser parque nacional, com o fato de ser área de proteção ambiental, com o fato de depois se transformar em patrimônio mundial que foi pedido anteriormente, mas se transformou já na gestão dele, que essa loucura não se cristalizasse. Mas existe uma questão de controle que ainda é fundamental que seja ampliada e que o turismo ainda seja mais adequado e que as informações não sejam apenas, passar lá para tomar cachaça. É ótimo tomar cachaça, que é um dos produtos mais fantásticos da cidade.. Inclusive a palavra Paraty é um sinônimo de cachaça, porque os engenhos que produziam a cachaça eram inúmeros na cidade e foi a forma de na estagnação econômica encontrar um produto que trouxesse riqueza. Mas a pergunta é infinita, Paraty é infinita.

9) Gostaríamos de saber quais são os impactos diretos no Turismo do prêmio Muriqui e a princípio o que seria o prêmio?

O que é o prêmio Muriqui? Bem, criou-se a reserva da biosfera certo, a partir de uma conjunção de pessoas que trabalhavam com isso, foi na verdade uma construção que começou com o tombamento da Serra do Mar no Estado de São Paulo em 1985, como resposta ao desbarrancamento da Serra do Mar em Janeiro de 85 com as chuvas fortes em cima de Cubatão.

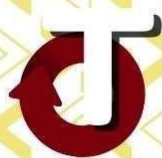
A poluição das indústrias de Cubatão matou as árvores, destruiu a floresta da serra do mar, e aquilo fragilizou as raízes que protegiam aquela encosta íngreme, com a chuva mais forte tudo veio abaixo e começou a cair em cima das Indústrias. Isso foi um impacto muito grande, na época eu estava como assessor do governador e depois primeiro secretário do meio ambiente do Estado de São Paulo e o governador Montoro perguntou: "O que que a gente pode fazer?". Eu falei, Governador, a gente tem que controlar as indústrias, coisa que a CETESB já vinha fazendo e reforçou, mas o problema é no estado inteiro, mas assim estão destruindo a floresta em vários outros lugares e já tá tudo protegido por parques e a única medida que a gente pode acrescentar é o tombamento da Serra do Mar pelo CONDEPHAAT, o conselho do patrimônio histórico, onde já existe uma proposta, um projeto em relação a isso mas isso reforçaria, certo,

porque o CONDEPHAAT era uma instituição de muito prestígio. E era uma reivindicação da sociedade.

O governador Montoro topou e nós então em quatro meses providenciamos a ampliação do trabalho que existia do tombamento e foi feito o tombamento da Serra do Mar em todo o Estado de São Paulo. Naquele entusiasmo muita gente deixou alguns outros ferozes contra, que eram os proprietários da área, mas isso se acalmou, ainda existem, obviamente relutantes, mas o estado do Paraná, à época de 1985 se entusiasmou e o Secretário de Cultura veio a São Paulo perguntar como era aquilo e resolveu fazer o tombamento da Serra do Mar no Paraná também, que lá eles não tinham tantos parques como nós, isso nos deixou muito felizes, porque estava sendo ampliando o corredor do tombamento da Serra do Mar que abrangia cerca de 1 milhão e 300 mil hectares e seguia da divisa do Paraná até a divisa do Rio de Janeiro cobrindo toda a Serra do Mar. E está protegendo aqueles morros entre as praias que infelizmente não foram protegidos, ou seja a paisagem do litoral Paulista ganhou muito com esse tombamento e até hoje ela é um elemento que garante a qualidade da paisagem e permite um turismo mais agradável, um turismo, mais desfrutável para todos que visitam o nosso litoral.

Resultado disso o governador resolveu chamar todos os estados da Serra do Mar do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul, criou-se então um consórcio Mata Atlântica que depois se ampliou para o Nordeste e esse consórcio acabou virando reserva da biosfera. Isso é um processo de 5 a 6 anos, mas que foi todo concatenado, ou seja, nada se cria do nada foi um esforço conjunto de muitas pessoas nessa direção. E este tombamento que hoje existe do Espírito Santo até o Rio Grande do Sul e a reserva da biosfera até o Ceará resultou num impacto grande no sentido de buscar proteção e que ainda não conseguiu, mas tem feito o possível para avançar nessa direção.

Bom, a reserva da biosfera uma vez instituída em sua segunda fase, terceira fase e que foi sendo ampliada por fases, conforme adesão de outros estados resolveu criar o prêmio Muriqui. Muriqui é um dos macacos mais ameaçados entre as seis espécies criticamente ameaçadas de primatas do país, especialmente o Muriqui Do Norte. O Conselho Nacional da reserva da biosfera resolveu criar esse prêmio ainda no Milênio passado, e ele acabou ganhando importância não só por quem oferece, mas por quem o recebe, e as principais lideranças do país e do exterior que lidaram e lidam com a proteção da Mata Atlântica, fizeram com que esse prêmio se transformasse no prêmio mais importante da Mata Atlântica. Uma premiação como o prêmio Nobel, por exemplo, é algo que faz com que as pessoas tentem ser melhores, certo?



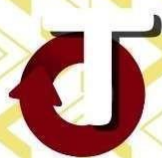
Assim, fica claro que existe uma disputa para ser membro da Academia Brasileira de Letras ou para ganhar um prêmio Nobel ou qualquer outro prêmio. Alguns prêmios, inclusive são em dinheiro, não é o caso do prêmio Muriqui, que é apenas prestígio, mas a professora Karen Stears que é principal pesquisadora dos Muriquis há 40 anos e foi presidente da associação internacional de primatologia, e representa no Brasil a academia americana de ciências que é um dos centros científicos mais importantes do mundo, recebeu o prêmio Muriqui ficou muito agradecida por isso. Então o prêmio Muriqui é um prêmio Nobel da Mata Atlântica e isso faz com que as pessoas que receberam se sintam ainda mais comprometidas e tenham um compromisso nessa direção como qualquer outro prêmio a depender da sua importância.

Então o senhor correlaciona essa importância do prêmio a uma preservação direta do ambiente na questão do turismo?

Sim, e a preservação do ambiente, que já falamos bastante, é essencial para o Ecoturismo, então o prêmio Muriqui deve ser dado para aquele que melhore e desenvolva o Ecoturismo porque a área de ecoturismo ainda não foi premiada. Então esse Prêmio tá latentemente a ser colocado nessa questão, já foi dado para pesquisador, já foi dado para cientistas, para pessoas que trabalham com desenvolvimento sustentável, para indígenas que trabalham pela luta da Mata Atlântica e está faltando o líder ecoturista para ganhar o prêmio Muriqui e isto será importante para essa pessoa e para o ecoturismo, tenho certeza.

Finalizando então, nós gostaríamos que o senhor fizesse um apanhado geral de como que o senhor vê o futuro da preservação ambiental a partir do Turismo no Brasil.

Olha, o futuro de uma certa forma nunca acontece do acaso ele acontece do presente, muitas vezes do presente e do passado. Esse conceito é sobre o aspecto filosófico até complexo, mas o futuro que está linear, que vem dos próximos dias, meses e anos, ele já está acontecendo, ou seja, a partir do momento em que você tem uma visita civilizada, uma visita positiva, uma visita, as pessoas usam uma palavra controlada eu não gosto, uma visita amiga a um determinado ecossistema ele tá contribuindo para sua proteção. Então, o cara que visita um parque, em 90% dos casos se apaixona pelo parque se ele não o conhecer, porque os parques nacionais foram criados para proteger a biodiversidade e as paisagens de beleza excepcional.



Então, quem sobe no bondinho do Pão de Açúcar fica apaixonado por aquela paisagem, quem visita o Parque Estadual da Serra do Mar, uma cachoeira fica apaixonado. Então a visitação é muito importante e o futuro do Ecoturismo e a preservação ambiental são, repito, o mesmo conceito irmãos gêmeos.

A atividade turística, é atividade econômica mais promissora, mas não é a única, mas é a mais promissora para que as populações lindeiras às áreas protegidas, aquelas que são as mais próximas e necessárias de serem conquistadas para que não tenha caça, para que não tenha derrubada de mata, para que na área seja evitado fogo, etc. Essas são extremamente beneficiadas pelo Ecoturismo. Então hoje já existem conceitos de que esses vigias, guardas locais, não devem ser pessoas que vêm de fora, mas devem ser da população local.

Então você vai dar emprego a partir do momento em que você precisa ter fiscalização, você vai dar emprego a partir do momento que você precisa de pousadas, você precisa de transporte, você precisa de alimentação para os turistas, isso toda são restaurantes que podem ficar sofisticado, você pode mostrar a culinária Caiçara para quem vai visitar uma área que seja no litoral, você pode mostrar a culinária tradicional do interior para quem for visitar uma determinada área e outras tradições, você pode produzir festas em Paraty, a festa do divino é hoje uma festa internacional e isso atrai uma série de turistas que vão as pousadas. Agora está acontecendo hoje e ontem um blackout em Paraty, é prejudicial para a população, mas a economia da cidade obriga o governo resolver isso logo. Porque se tem blackout não tem como receber turista numa determinada pousada, e são inúmeras as pousadas, então o futuro da preservação e do Turismo, e do ecoturismo, sempre reforço, é absolutamente, a corda e a caçamba, então um não existe sem o outro, isso é absolutamente fundamental e é lógico que a preservação serve a outros bens como sobrevivência, produção de água, garantia de proteção da sementes daquelas plantas que nos alimentam e outras coisas também extremamente graves, importantes e básicas. Mas aquela que aflora economicamente para viabilizar isso é o Ecoturismo.